

Jim Burns, Fulano-de-Tal e nós

Natalino da Silva de Oliveira*

Resumo

O artigo correlaciona “Ode marítima” e “Ode triunfal”, de Fernando Pessoa. Entre um poema e outro há uma imprecisa distância temporal (“Ode triunfal” – 6/1914 e “Ode marítima” – 1915?). Mas, ainda que a diferença entre datas de escrita fosse de um dia, um é anterior ao outro. E este fato é de natureza relevante, medindo a intensa relação entre os dois poemas.

Palavra-chave: Poesia Portuguesa; “Ode marítima” e “Ode triunfal”; Álvaro de Campos

Introdução

O mesmo Álvaro de Campos que escreve “Ode marítima” escreve também “Ode triunfal”. Entre um poema e outro dista uma imprecisa distância temporal (“Ode triunfal” – 6/1914 e “Ode marítima” – 1915?). Mas, ainda que a diferença entre datas de escrita fosse de um dia, um é anterior ao outro. E este fato é de natureza relevante, pois, pela data em que foram escritos, pelos aspectos abordados, pela forma – estes poemas estão em profunda correlação.

Em “Ode triunfal” há uma espécie incomum de *flanerie*. Há a necessidade, a todo o momento, de o sujeito poético situar-se diante da modernidade (“À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica/Tenho febre e escrevo./ Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,/Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos”. (PESSOA, 2003, p. 306). O que no início do poema parece um verdadeiro entusiasmo – um elogio a esta beleza nova desconhecida dos antigos – passa para uma visão ácida e em alguns momentos até mesmo irônica do processo de industrialização técnica. Como nos fragmentos abaixo:

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
(PESSOA, 2003, p. 307)

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente sinceros,
(PESSOA, 2003, p. 307)

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
(PESSOA, 2003, p. 310)

Este teor crítico não se satisfaz somente com a modernidade das máquinas, da tecnologia, mas também se volta crítico para o modo de vida burguês, até mesmo questionando se há alma dentro dos burgueses (“Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,/Que andam na rua com um fim qualquer;/A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;/E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra/E afinal tem alma lá dentro!”)(PESSOA 2003, p. 307)

Entretanto, o propósito aqui é pensar o poema “Ode Marítima”. Ainda assim, esta digressão não foi inútil, pois como mencionado no começo deste artigo, os dois poemas possuem pontos de encontro. A forma construída com estrofes regulares e versos decassílabos – com algumas alternâncias com hexassílabos – é semelhante, o uso de linguagem onomatopaica e de expressões próprias da oralidade “Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!” (PESSOA, 2003, p. 306); “Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy... /Schooner a Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò - yy...” (PESSOA, 2003, p. 320). A presença de vocábulos e até mesmo de frases em língua estrangeira, “Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!” (PESSOA, 2003, p. 307); “Notícias *passez à-la-caisse*, grandes crimes” (PESSOA, 2003, p. 307); “Fifteen men on the Dead Man’s Chest./Yo-ho ho and a bottle of rum!” (PESSOA, 2003, p.324)

A abordagem de “Ode triunfal” não é interessante apenas para focalizar as semelhanças entre os dois poemas e sim para ressaltar o teor complementar de uma ode com a outra. Enquanto em “Ode triunfal” há toda uma preocupação voltada para a exterioridade, para a engrenagem social das fábricas em “Ode marítima” há um retorno ao interior numa espécie de confissão feita no divã – daí a fundada razão de abordagens psicanalíticas deste poema.

Crise, identificação e aceitação

Toda genealogia se perde nas águas tépidas de um líquido amniótico, esse banho estelar primitivo onde cintilam as estrelas com as quais, mais tarde, se fabricam mapas do céu, depois topografias luminosas nas quais desponta e se aponta a Estrela do pastor – que meu pai foi o primeiro a me ensinar – entre as constelações diversas. O desejo de viagem tem sua confusa origem nessa água lustral, tépida, ele se alimenta estranhamente dessa superfície metafísica e dessa ontologia germinativa. (ONFRAY, 2009, p. 9)¹

O poema – deste momento em diante abordaremos somente o texto de “Ode Marítima” – representa uma viagem. Não um passeio qualquer, mas A Viagem em busca da autonomia do ser, em busca de autoconhecimento, em busca de realmente ser, da individualização. E não se trata de algo totalmente prazeroso, há momentos de insatisfação “Como um começar a enjoar, mas no espírito./E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente. (PESSOA, 2003, p. 315).

O sujeito poético sofre uma crise e precisa retornar ao estado uterino: “Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão,/Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,/Olho e contenta-me ver”. (PESSOA, 2003, p. 314), pois é realizado pela memória, “memória de cais afastados”. (PESSOA, 2003, p. 315) buscando da libertação, para que possa enfim navegar por águas diferentes daquelas encontradas no ventre.

A volta – ou a saída desta vivência intra-uterina – a este estado anterior é difícil de ser traduzido por se tratar de um momento em que o indivíduo não está dotado de fala, de códigos culturais. Esta experiência não pode ser transmitida, precisa ser vivida. Só a vivência gravará indelevelmente no interior do ser estas memórias, acessíveis sim, porém intraduzíveis: “E – sinto-o em mim como o meu sangue –/Inconscientemente simbólico, terrivelmente/Ameaçador de significações metafísicas/Que perturbam em mim quem eu fui...” (PESSOA, 2003, p. 315)

O poeta relaciona esta passagem com objetos e situações próprias da realidade cotidiana em que ele vive. A metáfora utilizada é a da navegação. Para simbolizar o útero materno há a utilização do cais, “Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!” (PESSOA, 2003, p.315). O cais de pedra é uma cópia artificial, “O cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado” (PESSOA, 2003, p.316); “Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira” (PESSOA, 2003, p.316) do Cais verdadeiro. O poeta diferencia o Cais verdadeiro, o útero, grafando-o com inicial maiúscula: “Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!” (PESSOA, 2003, p.316).

1 - A escolha desta epígrafe se deu pela valorização nela de elementos que também serão importantes para a interpretação do poema “Ode marítima”: o importante papel da figura paterna e a relação entre viagem e a vivência no útero materno.

A partida, momento estressante, de angústia. O medo ancestral da alma errante que uma vez embarcada encontra a instabilidade e o descontrole da vida, “O medo ancestral de se afastar e partir,/O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo – /E todo o nosso corpo angustiado sente” (PESSOA, 2003, p.317). Após este momento crucial da existência humana surge o vazio. “E só fica um grande vácuo dentro de nós,/Uma oca saciedade de minutos marítimos” (PESSOA, 2003, p. 317). Momentos estes que só restaram dentro de cada ser como lembrança, como memória de um momento pleno de felicidade.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!
De que porto? Em que águas? E por que penso eu isto?
Grande Cais como os outros cais, mas o Único.
(PESSOA, 2003, p. 316)

Deste grande Cais partem todos os navegantes deste também grande mar que é a vida. E surge a primeira das três grandes perguntas que são feitas, respondidas e constantemente atualizadas enquanto se vive: ‘De onde venho?’. Todos os navios vieram deste cais Único. E “Todos estes navios assim comovem-me como se fossem outra coisa/E não apenas navios, indo e vindo” (PESSOA, 2003). Estes objetos artificiais – navios – representam as pessoas, os navegantes, e mais que isso, companheiros de viagem.

Dentre estes companheiros de viagem, o mais importante, o próprio pai, ou alguém que assume esta função. Este que partiu e que ainda assim é lembrado. A lembrança e a própria relação com o pai é importantíssima para o desenvolvimento da psique humana. A figura paterna é ao mesmo tempo a geradora da crise e o impulso para que o sujeito poético percorra o caminho necessário de autoconhecimento e aceitação.

Ah, os pacotes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andamos com ele vamos falar nisso a todos,
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível
Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais vasto
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água pros pulmões!
(PESSOA,, 2003, p. 319)

É a memória deste Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido, o Fulano, apresenta inicial maiúscula devido a sua importância, que faz com que o engenheiro,

homem das máquinas, avance de encontro ao mar violento e imprevisível. A busca do simples é também a busca do natural, das origens do ser. A saudade do passado, da ausência de pacto social. O desejo de ter somente veleiros à vista revela este retorno ao passado.

E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma as
máquinas,
Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos
de madeira,
(PESSOA, 2003, p. 319)

A partida do Fulano de tal, o não-se-saber-o-paradeiro desta figura tão importante, impulsiona o eu poético a encontrar um substituto. Este é apresentado como o marinheiro inglês Jim Burns, personagem masculina que surge como substituto da figura paterna. Após o desaparecimento da figura inicial, o sujeito poético será guiado por esta nova figura.

Tu, marinheiro inglês, Jim Burns meu amigo, foste tu
Que me ensinaste esse grito antiquíssimo, inglês,
Que tão venenosamente resume
Para as almas complexas como a minha
O chamamento confuso das águas,
(PESSOA, 2003, p. 319)

É a figura inicial do Fulano de Tal e a de Jim Burns que farão com que o poema homenageie os homens do mar, “Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!” (PESSOA, 2003, p.322) . Estes exemplos que retirarão o sujeito poético do estado inerte em que se encontrava e o lançará ao mar nesta viagem essencial para encontrar sua identidade. Durante o trajeto ele se encontrará com um elemento esquecido dentro de si mesmo – elemento que teve que ser esquecidos por exigência do próprio pacto social, do aprendizado cultural, do traje civilizado: o selvagem.

Quero ir convosco, quero ir convosco, (...)
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção da moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!
Beber convosco em mares do Sul
Novas selvajarias, novas balbúrdias da alma,
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!
Ir convosco, despir de mim - ah! põe-te daqui pra fora! -

O meu traje de civilizado, a minha brandura de ações,
Meu medo inato das cadeias,
Minha pacífica vida,
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!
(PESSOA, 2003, p. 322)

O estado de selvageria torna-se mais forte no momento em que a criança ainda não possui identidade, subjetividade. Logo após a separação da relação dual com a mãe se dá o processo de identificação com o pai – o ser ainda não está livre. O que pode ser indenticado na estrofe abaixo:

Ah piratas, piratas, piratas!
Piratas, amai-me e odiai-me!
Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!
(PESSOA, 2003)

Os piratas – pais – são aqueles que saqueiam, roubam, que se utilizam da força para tomar este corpo feminino. Este corpo de mulher é o corpo desejado pelo sujeito poético, “cujo cio sobrevive”. Enquanto prevalece este desejo, o ser não consegue separar-se completamente da mãe. O desejo de misturar-se com os piratas – pais – precisa ser mais forte para que ocorra a identificação e separação do útero materno.

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas,
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!
(PESSOA, 2003)

A identidade se dá num processo de mistura com a figura paterna – um desejo de ser o outro, “Eu queria ser um bicho representativo de todos vossos gestos”. O ato de “beber sangue e alcatrão nos conveses” é um ato do marinheiro Jim Burns, substituto do pai, figura paterna para o eu poético. A Serpente do mar grafada com a inicial maiúscula é o próprio falo, objeto desejado pela mãe. Identificar-se com o pai é tornar-se simbolicamente um detentor do falo. O estágio posterior é essencial na formação da identidade.

É neste ponto crucial que surge o segundo problema da viagem – a volta. A partida, saída da inércia, gera um sentimento de medo, de estresse diante do novo.

Todavia, o movimento também gera uma inércia e agora há o encantamento do alto mar, – o canto da sereia presente na Odisseia de Homero – e já não há o desejo forte de voltar.

Arre! por não poder agir de acordo com o meu delírio!
 Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!
 Por andar com a *douceur des moeurs* às costas, como um fardo de rendas!
 Moços de esquina - todos nós o somos - do humanitarismo moderno!
 Estupores de tísicos, de neurastênicos, de linfáticos,
 Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
 (PESSOA, 2003, p. 325)

É exatamente neste ponto da viagem que surge o delírio. Aqui há o embate entre o viajante – que viaja por um objetivo específico e que deve voltar – e o errante – que se perde no eterno viajar. A passagem do texto selecionada abaixo, muitos pesquisadores a analisam como uma espécie de *algolagnia* passiva por parte do sujeito poético. Ainda que este tipo de análise possua fundamento, há outras possibilidades de leitura. O fragmento abaixo pode também caracterizar o desejo do sujeito em manter-se na relação dual com a mãe ou então no estágio de identificação com o pai, sendo o ser assim, “desfeito em pedaços conscientes”.

Ah, torturai-me,
 Rasgai-me e abri-me!
 Desfeito em pedaços conscientes
 Entornai-me sobre os conveses,
 Espalhai-me nos mares, deixai-me
 Nas praias ávidas das ilhas!
 (PESSOA, 2003, p. 328)

É no contato com o pai, Fulano-de-Tal, que se pode notar que no início há a negação do nome do pai. Há um reconhecimento da figura paterna. Por isso as iniciais maiúsculas. Entretanto, este ser não recebe um nome – *nom du père* – a lei e, de forma mais intensa, é com o substituto do pai – Jim Burns – que o sujeito irá encontrar o caminho de retorno, de encontro da identidade, da subjetividade. É assim que ele se dá conta de que “Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,/E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!” (PESSOA, 2003, p. 331). E surge o eterno sentimento de vazio: “Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha./Pensar isto faz frio, faz fome duma cousa que se não pode obter”. (PESSOA, 2003, p. 331). Esta transição da relação dual com a mãe, da identificação com o pai e do conseguinte reconhecimento do Nome do

Pai, nom du père – da Lei: “A voz Absoluta, a Voz Sem Boca” é apresentada no fragmento a seguir:

Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.
Um calafrio arrepia-me.
E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais longe,
de mais fundo,
De repente - oh pavor por todas as minhas veias! -,
Oh frio repentino da porta para o Mistério
que se abriu dentro de mim e deixou entrar uma corrente de ar!
Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente
A velha voz do marinheiro inglês Jim Barris com quem eu falava,
Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim,
das pequenas coisas de regaço de mãe e de fita de cabelo de irmã,
Mas estupendamente vinda de além da aparência das coisas,
A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Boca,
(PESSOA, 2003, p. 332)

O reconhecimento desta Voz Absoluta, da Lei, que torna possível que o viajante abandone a condição de errante e retorne para o estado civilizado, social e cultural. O reconhecimento, por parte da mãe, do pai como representante da lei, faz com que o filho também o reconheça como tal. Assim, é rompido o elo simbólico que une o filho ao útero. O falo também é restituído ao seu lugar de algo distinto da criança. A castração simboliza a formação da tríade pai, mãe e criança. É assim que “Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,/ Luzem os telhados dos edifícios do cais,/ Todo o lado de cá da cidade brilha.../ Parte, deixa-me torna-te” (PESSOA, 2003, p. 335). O eu poético percorre o círculo e volta a seu estado inicial de técnico e reconhece ainda mais forte o vácuo presente no interior de seu ser. E é este vazio, este sentimento de incompletude que faz com que o ser construa elementos abstratos como a cultura, a arte, edifícios, tecnologia... A aceitação se dá na complexa relação pactual do ser com sua angústia. O prazer inicial do estado intra-uterino proporcionado por aquela “casa de afeição”, da criança contente, agora, é só uma lembrança...

Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte....
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira,
Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma...
(PESSOA, 2003, p. 335)

Abstract

The paper correlates “Ode marítima” and “Ode triunfal”, by Fernando Pessoa. The order of the elaboration of the poems parallels them deeply, constructing a pertinent poetic analyzes.

Keywords: Portuguese Poetry; “Ode marítima” and “Ode triunfal”; Álvaro de Campos

Referências

FREUD, S. **Observações sobre o amor transferencial**. Tradução de J. O. A. Abreu. Em J. Salomão (Org.) Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, vol. XII, p. 207-221. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **História de uma neurose infantil**. Tradução de J. O. A. Abreu. Em J. Salomão (Org.) Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, vol. XVII, p. 19-152. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Tradução de C. M. Oiticica. Em J. Salomão (Org.) Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, p. 17-89. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo**. Tradução de C. M. Oiticica. Em J. Salomão (Org.) Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, vol. XIX, p. 217-228. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Tradução de C. M. Oiticica. Em J. Salomão (Org.) Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, vol. XX, p. 95-203). Rio de Janeiro: Imago. 1980.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. RJ: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. In: **Escritos** – RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**. Porto Alegre: L&PM Editores. 2009.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2003.